

**CONCURSO PÚBLICO DE PROVAS E TÍTULOS PARA O CARGO EFETIVO DE PROFESSOR DA
CARREIRA DE MAGISTÉRIO SUPERIOR – EDITAL Nº 45/2019 – PROGRAD**

CHAVE DE CORREÇÃO DA PROVA ESCRITA

Questão 1: (valor: 3,5 pontos)

Espera-se que o candidato apresente em seu texto reflexões sobre a necessidade de políticas linguísticas, internas e externas, que possibilitem o processo de revitalização das línguas indígenas; destacando a importância do registro da língua, na modalidade escrita, enquanto metodologia que colabora para a efetivação do processo de revitalização linguística e cultural; evidenciando a necessidade de que essa prática se constitua na própria comunidade indígena por meio da produção escrita de diferentes gêneros textuais: narrativas orais (mitos, contos, lendas), receitas, dicionários etc. – seja na L1 ou em obras de natureza bilíngue. Também é esperado que o candidato reconheça a escola indígena como uma instituição importante para os processos de incentivo e registro de produções escritas em L1. Outrossim, é importante que o candidato destaque a necessidade de investimentos do governo federal por meio de programas de incentivo que fomentem a publicação de obras escritas em línguas indígenas e bilíngues, bem como a distribuição em comunidades indígenas e não indígenas para a popularização das línguas; a expansão, valorização e manutenção de programas que incluam as línguas indígenas no rol de idiomas ofertados em centros especializados de línguas – tal como o Centro de Línguas do Acre, por exemplo. É importante que o candidato destaque o aspecto plurilinguístico do Brasil ao longo do texto, a fim de desconstruir o conceito de que vivemos em um país monolíngue. A resposta deve ser referenciada a partir de teóricos que colaboram com a discussão.

Questão 2: (valor: 3,5 pontos)

Espera-se que o (a) candidato (a) apresente um texto em que seja destacada a trajetória histórica da Educação escolar indígena desde o período colonial até a República, apontando a compreensão dos portugueses sobre a ausência da escola nas sociedades indígenas, o modelo de escola pensado para os indígenas “escolas de ler, escrever e contar”; a ideia da escola como instrumento de opressão que confirma o papel histórico de devoradora de identidades; a Constituição de 88 que reconhece “a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre a terra”, além de assegurar a “utilização no Ensino Fundamental regular, de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagens”, os quais permitiram às comunidades verem na escola uma possibilidade de construção de novos caminhos para se relacionar e se posicionar perante os representantes da sociedade envolvente. Espera-se ainda, uma breve exposição dos desafios dessa modalidade educacional no cenário político e social do Brasil: baixa institucionalidade, indefinição juntos aos sistemas educacionais dos estados, precariedade dos espaços físicos, ausência ou insipiência do processo de formação de professores frente às demandas das aldeias, assim como a falta de reconhecimento da categoria escola e professor indígena em muitos estados brasileiros. Por fim, a falta de recursos da União para o funcionamento da escola indígena como legalmente deve ser: diferenciada, específica, intercultural, bilíngue e comunitária.

Questão 3: (3,0 pontos)

Os critérios de avaliação da questão contemplam duas dimensões: (1) organização textual e (2) domínio de aspectos teóricos e metodológicos. Desse modo, os pontos seguintes representam expectativas de resposta materializadas pelo candidato, na medida em que dialoguem com a proposta temática apresentada e requerida na questão.

(1) Organização textual

- Apresentação adequada do gênero acadêmico.
- Escrita direcionada para o modo formal da Língua Portuguesa escrita padrão.
- Controle do uso de elementos linguístico-textuais relativos à coerência e coesão.
- Apresentação adequada de movimentos textuais como introdução, aspectos que representem o desenvolvimento lógico das ideias, proposições teóricas e capacidade de sintetizar o conjunto temático da questão proposta.
- Apresentação da proposta breve de um projeto de ensino que contemple as seguintes características: objetivos, etapas e ações.

(2) Domínio de aspectos teóricos e metodológicos

- Articulação com a perspectiva teórica acerca das práticas de letramento e o contexto da educação indígena.
- Relacionar aspectos contextuais das comunidades indígenas observando as necessidades de valorização dos saberes, práticas orais e o registro escrito por meio de uma breve proposta de projeto de ensino como possibilidade de implementação em uma escola indígena.
- Domínio conceitual de aportes teóricos vinculados com uma proposta pedagógica orientada para legitimação dos saberes indígenas, a partir da correspondência com o universo intercultural e o cotidiano educacional.
- Apresentação da breve proposta do projeto de ensino articulada com de maneira coerente dialogada com a proposição temática presente na questão.

Questão 4: (3,0 pontos)

Espera-se que o candidato apresente as razões apresentadas por Braggio (2003) para o desaparecimento de uma língua e fale sobre os fatos históricos.

Primeira razão, extinção do seu povo – período colonial; a distribuição dos povos geograficamente, o tamanho do grupo pode influenciar no desaparecimento de uma língua; o avanço das línguas coloniais em detrimento das línguas indígenas; no Brasil ocorreu a política assimilacionista/integracionista, somente com a constituição de 1988 que abre espaço de diálogo com os povos indígenas (Coelho dos Santos, 1995). Para a política assimilacionista as línguas e culturas indígenas eram vistas como obstáculos que deveriam ser eliminados, a fim de que o indígena poderia ser mais facilmente assimilado e, alienado, servir de mão de obra barata. A educação escolar para os povos indígenas brasileiros desempenhou um importante papel nesse processo desde a época da colonização, como parte das políticas governamentais para os povos indígenas, no caso das línguas, de “bilinguismo substrativo”. A obrigatoriedade do ensino fundamental em Português somente foi, durante muito tempo, desastrosa para os povos indígenas. Outra razão apontada para a perda das línguas é a globalização- poder de homogeneizar- anula a alteridade. Com tudo isso, no último século inúmeras línguas se perderam. Calcula-se que entre vinte e cinquenta por cento das 6.000 línguas faladas no mundo não são mais faladas pelas crianças como sua primeira língua (Krauss, 1996). Oprimidos, pressionados e desprestigiados e sofrendo de forte preconceito e estigmatização com relação à sua língua e cultura pela sociedade dominante, os povos indígenas deixam de passar suas línguas para as próximas gerações, o que implica na “internalização de estereótipos de que é vítima... [levando]... a conflitos de identidade e a uma atitude negativa com a língua...[culminando]... no abandono da mesma” (Seki, 1984; meu grifo). Está aí instalada uma situação de diglossia conflituosa, de contato inter-étnico de fricção (Cardoso de Oliveira, 1978) com o deslocamento da língua indígena pela língua dominante de prestígio. Nesse processo de perda, a língua vai ficando restrita a alguns falantes, geralmente os das gerações mais velhas. Decorrente desta, ocorre o que Albó denomina atrofiação da língua (Albó, 1999). Nesse sentido, todas as áreas da língua são atingidas, pois se acredita que mudanças funcionais nos diferentes domínios sociais (alocamento de uma língua a um determinado domínio social), acarretam mudanças na gramática, na fonologia, na morfologia, no vocabulário, padrões discursivos, estilo (principalmente os mais formais), havendo uma espécie de simplificação, obsolescência da complexidade da língua (Dorian, 1989), que afasta as gerações mais velhas das mais novas. Isso pode ser observado, por exemplo, na transmissão dos mitos e rituais, domínios sociais aos quais são alocadas as línguas indígenas, que deixados de ser usados, também deixam de passar às gerações mais novas os estilos mais formais da língua. **A mudança no ecossistema também** tem sido apontada como uma das causadoras de mudanças abruptas nas línguas (diferentes das mudanças naturais que todas as línguas e culturas sofrem, pois nenhuma das duas é estática), pois uma vez mudado o ambiente, muitos dos conhecimentos sobre fauna, flora, cosmologia, etc. podem ser perdidos e como estão intrinsecamente marcados nas línguas, através dos seus sistemas de classificação e categorização, das relações íntimas entre práticas discursivas e práticas culturais, também se perdem. Nesse processo de mudança e deslocamento os empréstimos começam a passar massivamente da língua dominante para a indígena sem passar pelo filtro da língua (quando os falantes ou os criam através da própria língua ou os adaptam à sua fonologia e morfologia), acabando por ocasionar alternâncias de línguas (no mesmo enunciado ou entre enunciados) que não se justificam a partir das atuais teorias sociolinguísticas, obscurecendo a língua que está sendo falada. Em seus estágios finais a língua que está morrendo começa a utilizar palavras emprestadas que existem em sua própria língua (Nettle e Romaine, 2000).

Portanto, são várias as razões que levam uma língua à sua perda. Essas razões devem ser cuidadosamente observadas nas pesquisas sociolinguísticas. O grau de perigo de extinção de uma

língua também deve ser observado através de tipologias que não deixam de considerar essas razões, mas ampliam o conhecimento na área.

Os argumentos mostrando a significação da perda dessas línguas são contundentes: (i) a constatação dessas línguas como espécies humanas, as quais, uma vez perdidas levam com elas a diversidade cultural e intelectual da humanidade (Hale, 1992a; Krauss, 1992, 1996); (ii) o rompimento da transmissão da herança cultural que se dá principalmente através da língua (Crystal, 2000); (iii) a perda de um melhor entendimento da capacidade humana de produzir línguas (Rodrigues, 2000); (iv) a eliminação da complexidade linguística, juntamente com o que é culturalmente distintivo, único e singular para cada povo (Nettle e Romaine, 2000; Dorian, 1989); a perda das chaves para a sobrevivência psicológica, social e física, pois a língua é forte marca de identidade cultural (Reyhner, 1996) e, o argumento talvez mais forte, o de que a perda de uma língua significa a “morte” de um povo (Albó, 1988, 1999).